

INDIVIDUALIDADE E GRUPO ANARQUISTA

***GERASIMOS TSAKALOS –
CONSPIRAÇÃO DAS CÉLULAS DE FOGO***



TENTATIVA DE PREFACIO

“Hoje temos que tomar cuidado com os perigos da repetição. É inaceitável recuar à ignomínia. De aí a urgente necessidade de apontar um substrato mínimo e imprescindível, que potencie nossa gramática e que fomente o alargamento da Anarquia negra nestes dias; um objetivo, uma vontade ou, talvez, um anelo essencial que em algum momento impreciso, porém preferivelmente próximo, gostaríamos de compartilhar com todas aquelas individualidades anárquicas que mostram uma inocultável proximidade teórico prática, que os converte em companheiros de rota de uma conspiração internacional que fundamente sua causa na Nada.”
- **Gustavo Rodríguez.**

A publicação em espanhol e português de “Individualidade e grupo anarquista” do companheiro Gerasimos Tsakalos (quem fora parte da Conspiração das Células de Fogo na Grécia); tem oferecido para nós a oportunidade de realizar uma revisão profunda sobre sua contribuição, aguçando desde a praxis a cristalização do debate que da sustentação à Internacional Negra nestes dias.

Tem passado seis anos desde que Tsakalos lançou sua proposta organizativa desde a prisão, atravessando grades e muros, e driblando a vigilância de seus algozes na prisão de Korydallos; e dois desde que saiu da prisão junto do seu irmão Christos. Durante esse período temos acumulado experiências que poderiam ser suficientes como para nos apontar quais coisas são suscetíveis de ser modificadas ou esclarecidas hoje. Porém, além do tempo passado, para qualquer anarquista informal e insurrecional que leia essas

páginas, pula a vista um sem fim de contradições que dificilmente podemos subscrever desde a anarquia negra e o anarco nihilismo que anima a tensão anárquica contemporânea, particularmente se procuramos responder à pergunta que serve de coluna vertebral a sua contribuição: A individualidade anarquista encontra-se subjugada ou se mantém livre no interior do grupo?

Em homenagem à verdade, temos que admitir que, após a tradução e re leitura desse texto, e depois de um intenso debate entre aqueles que impulsionamos a difusão em espanhol e português da Internacional Negra Edições, temos deparado com infinidade de proposições com as quais discordamos. Apesar disso, coincidimos no que realmente nos convida a publicar esse folheto: a vontade de manter viva a prática solidária de dar voz a NOSSXS PRESXS, quebrando de forma enérgica todo isolamento, já que, entre outras coisas, são eles, que estando sequestrados pelo Estado como consequência de suas ações, abrem as portas ao debate atual, incitando à reflexão e alimentando a praxis.

É precisamente essa a essência e a razão desta iniciativa editorial, desde seus primeiros dias de vida, dando lugar, no debate, para xs companheirxs presxs e permitindo-lhes expor e confrontar as ideias desde a experiência, sem por aquilo outorga-lhes nenhuma autoridade nem homenagear elxs pelo fato de estarem em prisão, cientes de que nesta guerra, a cadeia (e ainda a morte em ação) são uma probabilidade que ameaça todos nós constantemente.

Com tudo e as críticas, é indiscutível que a presente colaboração do companheiro Tsakalos, se localiza no marco de reflexões que tem marcado o ritmo da decidida trajetória da atual ação anárquica, mostrando que, ao igual que em todo caminhar, frequentemente se apresentam encruzilhadas difíceis, perigosas bifurcações, becos sinuosos, atalhos vantajosos e becos sem saída. Sem dúvida, esse texto se inscreve nesses “becos sem saída”.

Somente aqueles que permanecem apegados ao imobilismo (aficionados ao conforto e os lugares seguros), não se equivocam. Xs

que impulsionamos a prática anárquica, afastados de dogmas e das trilhas batidas, fazemos caminho ao andar. Por isso, frequentemente achamos “becos sem saída”. De aí a necessidade de publicar as contribuições de Gerasimos e evidenciar nossa árdua trajetória, confusa certamente, mas sobretudo, irreverente e decidida, disposta a chegar até as últimas consequências neste presente contínuo de conflito permanente com o existente. Sem demasiadas vacilações, Hoje podemos afirmar que as ações de Gerasimos -junto aos afins da Conspiração das Células de Fogo- não apenas incendiaram bancos, delegacias e tribunais, mas que além disso incendiaram nossos corações anárquicos, levando à prática os anseios de destruição e os anelos de libertação total até os confins mais inverossímeis. E para isso, não fez falta a leitura de um “manual”. Bastou com a troca de experiências, abrindo as portas para um diálogo anarquista internacional.

Nada mais distante do informalismo anárquico contemporâneo que os manuais de “formação de quadros” ao estilo do “Manual do guerrilheiro urbano” de Carlos Marighella, tal como nos apresenta o texto o companheiro Tsakalos, no que, consideramos, parece uma nova adaptação desse velho roteiro. Lamentavelmente, o companheiro tende a validar sob os parâmetros da organização fixa e super especializada, que nada têm a ver com aqueles primeiros comunicados e folhetos iniciais que carregaram de praxis o trajeto da Conspiração das Células de Fogo. Ainda quando o companheiro se afasta do discurso e práticas esquerdistas, parte da sua proposta tem muito em comum com a dinâmica organizativa de todas as guerrilhas urbanas marxistas-leninistas dos anos sessenta e setenta.

Algo similar aconteceu com a medula do projeto insurrecional anárquico que, desde vários lugares do planeta, impulsionou a ação internacional sob as siglas da Federação Anarquista Informal (FAI). Nos últimos anos, tem ficado evidente a terrível confusão daqueles que entenderam -e entendem- o informalismo insurrecional anárquico como a reprodução de um guerrilheirismo militarista “autônomo”, abraçando a nostalgia da esquerda. Não são poucos os casos -sobre todo em territórios onde a reação da ultra direita tem

ascendido ao poder- nos quais essas confusões tem conduzido alguns companheiros até experimentos mais “sociais”, o que na prática tem se traduzido em inércias existencialistas e cínicos flertes com o mais reformista do abrangente espectro das esquerdas. É o caso, desde esse lado do globo, do Núcleo de Oposição ao Sistema (NOS), no Brasil, exigindo a liberação dum ex presidente, Luiz Inácio Lula da Silva e seu chamado a “esquecer as diferenças, se organizar e lutar contra o sistema”, e o caso dos Núcleos Antagônicos da Nova Guerrilha Urbana, no Chile, autodenominada “organização revolucionaria” que pateticamente tem feito alarde sobre sua capacidade técnica-operativa”, chegando a propor que as ações violentas que eclodiram ao longo da revolta social de outubro de 2019, foram “estritamente planejada” pelo poder e os agentes da repressão¹.

Hoje nos toca ressaltar o fracasso rotundo da “estratégia guerrilheira” nos meios anárquicos para não repetir erros. Mais ainda porque esse fracasso é igualmente evidente nas próprias estruturas leninistas que tem re formulado suas estratégias de procura do poder, optando pelas mais descaradas manobras eleitoreiras apoiadas no discurso populista. Muitas das guerrilhas que sobrevivem em Latino América e o mundo, abertamente e sem vergonha, tem elegido o caminho do narcotráfico como caminho de financiamento da “luta”.

Diante disso, resulta muito importante re pensar constantemente qual é a finalidade da Anarquia, o que assumimos como Informalidade anárquica nestes dias e como re afirmamos nossos propósitos, cientes de que nossa proposta é o conflito. Obviamente, é impossível nos responder essas perguntas desde o conforto dum computador. Precisamos re afirmar na prática, desde a ação implacável da nossa guerra, o calibre de nossos objetivos. A tendência Informal e Insurrecional Anárquica não é uma proposta estática, aprisionada num manual, mas um fluxo torrencial que afia nossa ofensiva contra toda autoridade enquanto assume a libertação total como único

1 *Sobre Fantasmas Insurreccionales y Banderas Falsas, Análisis De La Revuelta En Chile (Cuarto Trimestre 2019), Núcleos Antagónicos De La Nueva Guerrilla Urbana. Disponível em: <https://vozcomoarma.noblogs.org/files/2019/12/fantasmas-insurreccionales-impresion.pdf>*

horizonte, através da insurreição permanente e a violência anárquica contra a dominação, seja ela da ideologia que seja. Por isso, mais uma vez, nossa única proposta é e será o conflito contra toda forma de autoridade.

***Pela Internacional Negra!
Pela Anarquía!***

***Novembro 2021.
Internacional Negra Edições***



PALAVRAS PRÉVIAS

Esta publicação da Internacional negra Edições, “Individualidade e grupo anarquista”, é uma contribuição do companheiro Gerasimos Tsakalos, da Conspiração das Células de Fogo, da Grécia, escrito a finais do ano 2015. O texto aborda muitos temas que preocupam a todos os que somos parte ativa da tensão anárquica em nossos dias.

Nestas páginas, não apenas se aprofunda na forma em que os companheiros gregos agenciam a luta e se dirigem ao interior das estruturas organizativas mínimas (grupos de afinidade e redes de coordenação) da informalidade e do ataque, mas também se analisa o efeito que tem essas particulares formas de organização nos indivíduos, assim como os problemas que podem surgir e algumas das possíveis soluções. O que nos permite alimentar um mapeamento hipotético (ainda a ser completado) de algumas de essas zonas limites entre a periferia da chamada “luta social” e a ação anônima, nos facilitando a crítica e o entendimento do afazer de aqueles companheiros que atravessam esses sinuosos caminhos.

Escrito a partir das experiências vividas por um “guerrilheiro urbano anarquista”, atualmente encarcerado nas masmorras de isolamento da prisão de Korydallos, Tsakalos, nos obsequia um texto reflexivo que desenvolveu no forno da praxis anárquica e suas conseqüências.

As formas de organização e ação que são descritas aqui foram desenvolvidas na prática do próprio terreno de luta. Não são elucubrações teóricas escritas desde a comodidade do computador nem desde o sonho utópico dum grupo de cientistas sociais, e sim o produto inacabado do caos real do dia a dia que da vida a Anarquia.

Por uma Internacional Negra de Anarquistas de Ação
Setembro de 2016.

À MANEIRA DE PRÓLOGO

Sobre “Individualidade e grupo anarquista” poderia se dizer que abrange um tema atemporal dentro do âmbito anárquico... A individualidade anárquica encontra-se subjugada ou se mantém livre no interior do grupo? Como se alcança a individualidade no coletivo? Os desacordos entre companheiros de um mesmo coletivo podem ser criativos? ou eles conduzem inevitavelmente a disputas, rivalidades, intrigas, competições e quebras?

Como a amizade e as camarilhas podem provocar a anulação do grupo anarquista? Qual é a relação entre a organização anarquista e a expulsão de seus integrantes? Como podem sobreviver as hierarquias informais e seus seguidores num projeto anarquista?

Esses são alguns dos tópicos que surgem na relação explosiva entre individualidades que tentam conviver nos grupos anarquistas.

O folheto “Individualidade e grupo anarquista” é um testemunho de experiências políticas desde o interior das configurações ilegais da violência revolucionária anárquica. As relações que se formam nesses núcleos são acrobacias agudas que se testam em condições e opções extremamente concentradas.

O preço da inconsistência ou do desafio aos princípios e avaliações básicos de uma organização de guerrilha urbana, podem conduzir para muitos anos de prisão e ainda à morte.

Por tanto, alguns poderão pensar que este folheto está dirigido especificamente aos companheiros mais “familiarizados”....

Mas esse não é o caso.

Já que nada nasce da nada, todxs sabemos muito bem que os grupos guerrilheiros surgem e se desenvolvem no interior do movimento e que são a expressão armada dele.

As experiências e relações que se apresentam nesse texto são extensões das experiências e relações que encontramos nas reuniões anarquistas, nas okupas e nos espaços ou projetos auto organizados. No interior desses projetos surgem os momentos mais intensos mas, também a produção de toda a deformação da anarquia.

O estilo do panfleto pode resultar um pouco estranho para xs companheirxs que o leiam, porque falta nele o conteúdo poético, lúdico e rebelde da Conspiração das Células de Fogo.

Este texto é pouco elegante e tosco, mas algumas coisas é melhor deixar em claro. Nas seguintes páginas, os pensamentos muitas vezes oscilam entre o lado psicológico do político e a experiência pessoal. Um equilíbrio que mantém viva essa forma de escrever e convida xs leitores a se influir e adentrar na sua própria experiência. Para quem tenha participado em grupos, espaços e encontros anarquistas, definitivamente encontrará uma pequena ou grande parte de si mesmo no texto que segue a continuação.

Continuemos então...

Da leitura à cumplicidade...



***Internacional Negra Edições
CCF/ Célula de Guerrilha Urbana.
Janeiro 2016.***

INDIVIDUALIDAD Y GRUPO ANARQUISTA

**GERASIMOS TSAKALOS –
CONSPIRACIÓN DE CÉLULAS DEL FUEGO**

INTRODUÇÃO

No continuo desenvolvimento de uma percepção anarquista mais compreensiva, sempre resultam úteis os pensamentos e reflexões que promovem uma melhor compreensão do tema em quanto à relação entre individualidade e grupo. O modelo organizacional do grupo e a aparição de patógenos aleatórios dentro das relações não é algo que se limite ao nível teórico. Também é uma questão prática que tem impacto no desenvolvimento geral da ação de um grupo e naqueles que se movem nos círculos do grupo.

Há uma análise que se limita a mencionar, desde um olhar pessimista, os problemas que surgem nos grupos como falhas de fundo e de efetividade. Somente estabelecendo uma perspectiva de superação desses problemas, com idéias e sugestões que aportem ao processo e à experimentação, podemos discutir sobre contribuições geradoras. Naturalmente, nunca será possível, pelo simples fato de transmitir e compartilhar nossas conclusões, que outras pessoas possam aproveitar com plenitude nossas experiências pessoais. A experiência pessoal não pode ser aproveitada enquanto tal por outra pessoa, porém se ela se transmite pode ser um estímulo impagável para a reflexão ou, ainda, pode nos servir de legado. Consequentemente, este texto é uma tentativa nessa direção.

Tentaremos expor conclusões e considerações ao redor de situações que encontramos no percurso da criação e desenvolvimento dum grupo guerrilheiro urbano anarquista. Esses pensamentos não podem ser entendidos como regra, no sentido do correto ou incorreto, e sim ser assumidos como o começo de um diálogo genuíno entre companheiros. Consideramos que um ponto central da análise que concerne às atitudes, decisões e, em última instância, ao próprio mundo em que participamos, é o esforço por compreender os princípios e motivações que empurram cada pessoa a realizar ações específicas. Trata-se de tentar compreender porque há quem elege fazer algo, enquanto outros permanecem indiferentes e passivos.

Na primeira parte do texto, optamos por simplificar a complexidade da natureza do poder e do comportamento da maioria de seus seguidores, para finalizar com algumas conclusões gerais. O fizemos assim porque o objetivo do texto não é a análise do sistema de dominação, mas a necessidade de estabelecer uma percepção básica sobre o que afeta nosso olhar ao redor das condições de organização dos grupos e do comportamento entre companheiros, porque, dependendo de como percebemos e interpretamos as condições que estamos experimentando, é assim que decidimos e fazemos nossas escolhas.

ASPECTOS BÁSICOS PARA COMPREENDER O EXISTENTE

Numa tentativa por esclarecer a pedra fundacional sobre a qual baseia-se o atual sistema, constatamos que tudo está estruturado para reforçar permanentemente a necessidade do poder. As bases do sistema, a natureza do poder em si mesmo e suas normas, se diluem a traves da complexidade das relações que compõem a sociedade, sendo o principal elemento do poder a imposição da força contra o indivíduo. Isso não está limitado apenas aos aspectos óbvios que se apercebem facilmente, como o poder direto que se expressa e consolida mediante normas, instituições estatais (governo, juízes, polícia, exército, etc.) e a ditadura da economia acima da sociedade. Como resultado, e independentemente do modelo econômico de gestão da sociedade (capitalista ou comunista), a natureza do poder é real e permanece invariável. A compreensão das estratégias e táticas aplicadas pelas instituições e os fatores econômicos que ajudam, obviamente, a manter a ordem e incrementar o lucro tanto no nível nacional quanto no internacional, são uma ferramenta de análises útil. Definitivamente não é a única e na real resulta insuficiente. A compreensão da complexidade sobre o como se dissolve o poder na comunidade é imprescindível para o desenvolvimento da consciência individual.

No coração das decisões do poder ninguém fica na margem. Até as individualidades que dependem de seu próprio silêncio ou, de sua ira, influem na máquina social. Cada pessoa é uma entidade individual com suas próprias responsabilidades dentro desse mecanismo. O sistema está estruturado para abolir nossa personalidade e nos

transformar em cidadãos passivos. Sua estrutura automatizada é criada para que ninguém se sinta uma parte insubstituível do sistema. Sempre haverá um novo time disponível para substituir o velho, contribuindo, dessa forma, em reforçar o sentimento de inutilidade e falta de senso da identidade individual.

Por um lado, o próprio sistema procura a sobrevivência perpetua mediante a permanente, implacável e crescente exploração de todo acordo, com a finalidade de produzir ganhos, suprimindo qualquer desvio que não possa ser assimilado no seu bom funcionamento. Por outro lado, anuncia as próximas ilusões para seus cidadãos -uma vida de oportunidades, de avanço e melhoras na sua posição, oferecendo para eles um mundo que promete segurança, ordem, bens materiais e plena satisfação de vontades criadas artificialmente. Um círculo vicioso de manutenção da pirâmide autoritária sustentada nas esperanças dos cidadãos, enganados diante das evidentes desigualdades que os afetam. De tal sorte, apesar de que na base do sistema, a maior parte da sociedade nunca está satisfeita com o que se lhes proporciona, continua atuando servilmente no seu interior.

A pergunta que surge por si mesma é: Se a sociedade sabe como funciona o sistema, porque não utiliza esse conhecimento contra ele, e ainda brinda-lhe apoio prático elegendo conscientemente a submissão? Porque a maioria da sociedade permanece indiferente diante de qualquer desafio de perspectivas? Porque ainda quando tem acontecido revoluções elas terminam finalmente conservando e criando relações de poder similares daquelas contra as quais estavam lutando?

A psicologia de massas, poderíamos dizer, é aquela que provem dos instintos e das motivações básicas dos indivíduos. Nesse sentido, ao compreender as raízes individuais de lealdade, nos encaminhamos ao entendimento da atitude da sociedade diante do poder. O medo de se arriscar a perder, ainda o mínimo que o sistema permite possuir, converte-se no elo das correntes de subordinação. Também

existe uma condição dissolvida de canibalismo social que se alimenta a si mesmo, continuamente, da competição alienada entre cidadãos, como mencionamos antes, esperançados no avanço social e no enriquecimento que o sistema tem criado.

Essa competição, no seu avanço, marcha sobre cadáveres e sua defesa se acoberta no pensamento de que sempre haverá alguém pior do que você... A frase favorita da apatia questiona sempre: O que, vai conseguir sozinho mudar o mundo?

Nesse círculo de pensamentos derrotistas e de justificações que inibem o questionamento do existente, os desejos consumistas dirigem os cidadãos mediante o espetáculo que, como consequência, haverá de potenciar esses desejos.

O espetáculo é uma ferramenta de construção e aplicação do “senso comum” que estabelece estereótipos simplesmente impondo sua visão como o parâmetro único de conduta aceitável num círculo vicioso de interdependência com os cidadãos. Através do espetáculo, a cidadania é convencida da vaidade implícita em qualquer ideia de rompimento, e quando o sistema chega num nível incapaz de cobrir nem sequer temporariamente suas necessidades materiais básicas, então o espetáculo dirige a raiva social para formas de protesto voluntário que possa assimilar. Protestos que sempre se dirigirão no sentido de supostas melhoras do sistema (protestos silenciosos, concentrações pacíficas, etc.) e nunca no sentido de sua destruição.

Através dessa descrição, resumida, dos elementos centrais concernentes à justificação e ao apoio ao sistema, entendemos que o obstáculo que encontraremos na luta pela sua destruição não é apenas a supressão das capacidades logísticas da oligarquia autoritária, mas também a fé na necessidade do sistema que proferem seus próprios cidadãos. Ao final aqueles que defenderão a própria lógica da existência do poder, para além de qualquer reclamação ao governo, são os cidadãos desse sistema. A maioria da sociedade acredita que a

estrutura existente do sistema, é a única possível.

Essa sociedade, tal e como ela está estruturada, ainda se a dominação institucional chegasse a colapsar, seria o último obstáculo a livrar no caminho para a liberdade individual e coletiva. Será o último na retaguarda da subsistência do poder diante de seus detratores. Essa crença na necessidade do sistema é a que procuramos atacar. A pergunta é, quem e sobre quais bases irá se organizar para essa eventualidade e que relações desenvolveremos no percurso?

CONFLITO E OPÇÃO PELO ATAQUE

Em tanto identificamos algumas das causas que configuram a aceitação do sistema na consciência das massas nacionais, tentaremos brevemente identificar as razões que levam algumas pessoas pelos caminhos do conflito com seus papéis pré determinados, e a negação ciente da identidade nacional.

A formação da consciência individual é o resultado de muitos fatores. Desde o entorno socio-familiar no qual crescemos, até os eventos e circunstâncias que experimenta uma pessoa junto de ideias, debates e pensamentos com os quais tem entrado em contato. Todos esses elementos criam uma reserva de estímulos que dão forma e desenvolvem a consciência individual. Nunca há apenas um motivo que nos empurre a tomar uma decisão. Ela é resultado de múltiplos fatores. Também, quando indagamos em torno dos incentivos pessoais, e tal vez isto pareça uma representação simplificada da realidade, nos detemos para identificar as razões mais óbvias na falta de reflexão. Em concreto, nos focamos nos elementos que consideramos tem jogado um papel decisivo e estimulado a pessoa para realizar uma escolha. Mas, sempre há motivações adicionais que passas despercebidas. A pergunta é qual dessas motivações individuais cobra a suficiente importância, ao grau de chegar a afetar a decisão final.

Assim mesmo, a opção pelo rechaço não tem que ser assumida unicamente pelas pessoas excluídas de antemão pela sociedade (por exclusão econômica, etc.), mas também por aquelas incluídas

dentro da comunidade, que optam pela ruptura total com o papel que atribuíram para eles. A questão é quais princípios, valores e vontades decide seguir cada um. Rebelde é quem deseja sê-lo. Nos primeiros anos de vida duma pessoa, a rebelião e a reação são etapas praticamente implícitas no seu desenvolvimento. A medida que a pessoa cresce, a exploração aumenta: a escravidão assalariada, a sensação de insatisfação nas relações sociais vazias, a rotina, as normas de comportamento impostas pela sociedade, e a constatação do horror generalizado do sistema, tudo isso, é capaz de estimular algumas individualidades a passar da rebelião para uma consciência política mais madura. Todos estamos alienados por esse sistema, em diferente grau, apesar disso é nossa eleição tomar a decisão de atacar a origem dessa alienação, o poder.

O primeiro contato com as ideias anárquicas tem um papel nevrálgico nesse desenvolvimento, pelo que, ainda quando não tenhamos sentido a plenitude da opressão deste mundo, a ideia de criar uma sociedade livre com relações pessoais autênticas, livres de estruturas de poder, nos enche. Com o aumento de experiências no interior do sistema existente, chegamos a compreender que o modelo do Estado “maldoso” e o capitalismo que oprime a sociedade “pura”, é uma análise superficial que não corresponde com o que vivemos. Como mencionamos anteriormente, o poder está constituído por uma complexidade de relações cujo corpo, em ocasiões, o formamos todos praticamente. Por tanto se não entendemos que o Estado e a sociedade conformam uma complexidade de relações entre amos y submissos, nos enfrentamos a uma aposta difícil. Trata-se do equilíbrio entre o que queremos e o que fazemos na vida real. Obviamente, estamos cientes da impossibilidade de nos comportar de maneira anárquica em todas as situações que confrontamos na sociedade. Terminamos chegando a acordos e entramos também num período de descontaminação que é determinante na vida de cada pessoa. É o momento em que cada um toma suas decisões. O que você está disposto a arriscar e até onde quer-se chegar na vontade de atacar o sistema que determina nossas vidas, nos impondo o papel

de transmissão e exigindo nossa total obediência?

Neste ponto, as opções das quais dispõe cada pessoa, em função de suas reflexões, experiências e detonantes que conformam a consciência individual, se abrem diante dela. Poderíamos esquematizá-las em duas opções básicas para aquelas pessoas cientes do papel do poder e de sua vontade de rechaçá-lo. Evidentemente, isso acontece nos limites da simplificação, com a finalidade de alcançar algumas conclusões básicas, e não quer dizer que não existem várias nuances entre essas duas escolhas.

Alguns, pelo medo à repressão e às consequências da ação, optam por se localizar nos limites legalistas do protesto, tal e como estabelece o sistema, implementando uma válvula de escape perante qualquer potencial conflito que se apresente. Definindo suas ações segundo o Código Penal e rechaçando todo o que possa ter graves implicações legais, essa é uma escolha individual. Aqui veremos como uns poucos reconhecem o medo como a causa da sua eleição e são capazes de aceitá-lo diante de seus companheiros. Uma posição respeitável pela sua transparência e honestidade. No entanto, a maior parte das pessoas que rechaçam a ação por temor das consequências, tentam justificar sua eleição transformando o medo em teoria. Chegam ao extremo de criticar as pessoas que agem e, ao invés de vergonha de admitir seu medo, usam o manto político para tapar a verdade. Com argumentações superficiais tentam ocultar a verdade, já que é uma reação esperada que se defendam com justificações artificiais quando sentem seu ego diminuído. Essa defesa converte-se em sua ideologia. dita conduta não é exclusividade de uma tendência anarquista em particular, simplesmente se manifesta mediante distintas mentiras “ideológicas”.

A outra opção surge da perspectiva anárquica que afirma que não há ação sem violência revolucionária.

Para evitar maus entendidos sobre isso, quando falamos de

ação, também incluímos os diversos movimentos propagandísticos (manifestações, cartazes, megafones, etc.) e projetos (encontros, okupas, estações de rádio, páginas web de informação anti sistema, etc.) que não implicam violência direta. Esses movimentos e projetos são necessários para a difusão de nossas posições e jogam um papel relevante na organização dos anarquistas. Porém, esses projetos não podem se tornar num fim em si mesmo. e sim promover a intensificação das hostilidades. Nosso objetivo sempre serão as ações violentas encaminhadas ao derrocamento do sistema e isso é o que impulsiona a organização e a propaganda de nossa luta. Quando esses elementos não promovem a violência revolucionária, então não são uma ferramenta útil para nossos propósitos, mas projetos reformistas que vão no sentido da primeira opção. Nosso objetivo é a destruição do poder mediante a ação direta violenta e todas nossas ferramentas estão desenhadas para contribuir com nossas vontades, incluindo este texto. Como já falamos, há quem elege o ataque aqui e agora pela realização de sua vontade e pela raiva contra o sistema. Pelo geral, o ponto de partida se encontra na participação ocasional em ataques durante os protestos e ainda nas atividades nas ruas adjacentes as universidades onde é fácil se envolver nos conflitos da rua. Nesses casos, existe um leque de potenciais perspectivas.

Uma delas é permanecer apegado aos confrontos ocasionais, ignorando uma estrutura mais organizada para a ação direta que ofereça novos margens de desenvolvimento e aguçamento da luta contra o sistema. A outra perspectiva é utilizar essas primeiras experiências de conflito e começar a definir por si mesmo onde e quando realizar o ataque, batendo inesperadamente e gerando nossas conjeturas. Essa opção resulta difícil e está cheia de obstáculos, entre eles a prisão e ainda a morte, mas nos oferece vivências, situações, emoções, companheiros... Essa opção há de ser tomada quando contamos com fortes bases de percepção e não de forma impulsiva.

Caso contrário, se as condições são boas, as pessoas continuam agindo, porém construindo sobre fundações pouco sólidas. Nas

ações ofensivas exitosas, todxs aparecem na primeira linha da batalha. Mas quando surgem situações difíceis (repressão, arrestos, etc.) as pessoas também costumam falhar.

Ainda, estudando a história de certos casos de guerrilha urbana, vemos que o comportamento de algumas pessoas depois de sua detenção não se equipara, ou é ainda mais traiçoeiro em relação a seu agir anterior. Constantemente temos que re avaliar nossas escolhas através dos eventos fundamentais que experimentamos no decorrer de nossa evolução. Essa revisão daquilo que damos por obvio, reforça os fundamentos sobre os quais baseamos nossa percepção.

Por tanto, as experiências pessoais relacionadas com o primeiro arresto ou a primeira decepção de gente que, até ontem, considerávamos afins, devem se aproveitar como um processo vivo, inclusive para o fortalecimento de nosso próprio Eu. Até os acontecimentos com uma faixa social mais ampla são ferramentas igualmente úteis para nos compreender a nós mesmos, nossas escolhas e as conjunturas de nosso entorno. Por exemplo na Grécia, os acontecimentos de dezembro de 2008 (o assassinato de Alexander Grigolopoulos por mãos da polícia) impulsionaram muitas pessoas a agirem de forma agressiva, acelerando os processos ao interior do espaço anarquista. Porém, lamentavelmente, como todos vimos, esse desenvolvimento não contou com as bases sólidas em relação às percepções. Além do mais, à raiz do ataque repressivo da dominação em setembro de 2009 (Caso Halandri, CCF), ficou evidenciado que muitos dos que tinham se radicalizado como consequência do levante, re valorizaram suas opções ao fulgor do medo e regressaram para a “luta legalista”, ou se distanciaram por completo de todo o que se associa da Anarquia. Desse modo, temos compreendido mediante diversos exemplos, ao longo do tempo, a diferença entre os supostos circunstanciais e uma atitude consciente de vida. Seguramente seria divertido pensar que existe um curso específico de desenvolvimento, para cada um, capaz de nos conduzirmos até a escolha ciente pelo ataque. Individualidades com origens completamente diferentes

concluem na mesma escolha. Existem dezenas de caminhos diferentes que podem nos levar para a guerrilha urbana anarquista. Mas, o que tem todos eles em comum, é o conceito básico em torno ao uso da violência como meio de ação para a destruição do poder.

PRIMEIRAS REFLEXÕES SOBRE OS GRUPOS

A medida que a pessoa entra em contato com empreendimentos sociais de visão anarquista, surgem vínculos com outras pessoas que tem noções similares. Esses primeiros fermentos colocam de maneira realista a possibilidade de conformar um grupo conspirativo de ação direta. Os processos de caráter público são abertos inerentemente e tem suas capacidades limitadas para o âmbito da ação ilegal. Não tem cabimento o segredo que se impõe na planificação de atentados com todos os meios. Sua contribuição é muito importante não apenas para as ações de propaganda, mas também para as relações que se formam durante a fermentação desses processos. Eles podem ser a base para a criação dum grupo conspirativo.

Além do mais, nosso objetivo é desenvolver o desenho e a execução de ataques por todos os meios possíveis de destruição do poder. Isso não se consegue apenas mediante as subestruturas de ação direta organizadas. Evidentemente, podemos agir sozinhos, mas a ação em grupo implica comunicação e o compartilhamento de nossos pensamentos, além de desenvolver alianças que constituem a primeira célula da vida anárquica. Também, ao interior de um grupo, se combinam as capacidades de seus integrantes, pelo que se potenciam os efeitos e as habilidades da ação guerrilheira. Da mesma forma, a formação do grupo recolhe nossas vontades básicas do nível emocional e psicológico. A pessoa, dentro do grupo anarquista, se põe a prova e experimenta situações e condutas que

dão sentido aos conceitos como companheiro e solidariedade. A sensação de compartilhar convicções e vontades comuns, cientes de contar com pessoas do teu lado que não recuarão em situações adversas e viverão experiências conjuntas, da força e satisfação para a pessoa. Essa situação desencadeia uma enorme dinâmica pessoal ao nos transformar em indivíduos coletivos ao interior do núcleo conspirativo de ação direta, e da mesma forma com o grupo. Esse esforço de colaboração entre as pessoas, constitui um projeto perdurável de experimentação de relações. Não no nível teórico, mas num movimento permanente sob condições reais. Nessa experiência, os termos cobram um papel importante sobre o qual se realiza e desenvolve o projeto. No seu interior, é possível a comunicação e o intercambio de percepções entre pessoas diferentes, conformando uma existência coletiva no seio da sociedade das relações alienadas.

CONDIÇÕES DE ADESÃO AO COMPANHEIRISMO

A psicossíntese¹ humana, constituída no ambiente hostil do poder, apresenta diferentes aspectos que com frequência resultam contraditórios. Quando estamos sendo parte de um grupo, a aposta que entra em jogo é o desenvolvimento da constante evolução coletiva correlativa ao crescimento pessoal de seus integrantes. Poderia se comparar, esse projeto, com uma miniatura da sociedade estruturada, segundo nossos princípios anarquistas em contraste com o existente. Podemos aperceber instantes de anarquia nas relações que se desenvolvem efetivamente ao interior do grupo. Compartilhar comportamentos que são capazes de desentranhar os aspectos mais belos que uma pessoa cultiva no seu interior. Só esse aspecto do projeto é um dos mais importantes, que o faz digno de ser experimentado. O problema é que todos somos filhos de este poder mundial e temos sido injetados com toda sorte de condutas autoritárias que formam parte de nosso caráter. porém, quando compreendemos e tratamos honestamente de lidar com esses rasgos, é possível delimitá-los e batê-los, no marco de nossos princípios anárquicos.

Evidentemente não falamos de um panorama distorcido que pretende mostrar os anarquistas como “idealistas puros, não

¹ A psicossíntese é um enfoque desenvolvido pelo psiquiatra italiano Roberto Assagioli (1888-1974) o qual se baseia na teoria do inconsciente de Freud e, aborda a angústia e os conflitos intra psíquicos e inter pessoais localizado na proposta do Eu. Considera cada indivíduo único em termos do propósito de vida e valoriza a exploração do potencial humano. O enfoque combina “o desenvolvimento espiritual com a cura psicológica” a través da “auto realização”.

violentos”. Por isso não renunciamos ao uso da violência durante um enfrentamento numa expropriação, no ataque a um fascista ou na execução dum executivo do poder. Além disso, gestionamos a violência de maneira instrumental e nos asseguramos de que não se torne parte permanente de nossa psicosíntese expressada em todas nossas relações. Trata-se então de descobrir novas formas de atuação ao nos relacionar com nossos companheiros, liberando nosso rasgos criativos e originais. Agora bem, quando formamos parte de um grupo, esse esforço vai para além do individual e avança como um processo coletivo que incide no seu interior. Geralmente, numa zona radical, encontraremos diferentes modelos organizativos dos grupos de ação direta, dependendo das opiniões políticas de seus integrantes. Se tratamos de distinguir eles por categorias, identificaremos dois tipos fundamentais.

O primeiro, é um modelo operativo que reconhece a existência de uma hierarquia dentro do grupo. o que se personifica no líder-chefe ou no comitê central, e costumam aparecer nas organizações da esquerda comunista. O segundo, e esse é aquele que se adapta a nossos princípios e percepções anárquicas, é um modelo configurado sobre a colaboração e as decisões, através de um processo desde a perspectiva de acordos prescritos entre todos. Em alguns casos, esta configuração colaborativa promove o consenso anarquista, mas isso de forma nenhuma significa um compromisso com a maioria. Trata-se mais bem, de um posicionamento mutuo entre companheiros, sobre temas que não afetam a interpretação de nosso princípios. O mais difícil é criar as condições adequadas que farão com que o processo de decisão atinja um resultado que expresse as vontades de todos os integrantes. O primeiro modelo de organização não permite a evolução individual, pelo contrário, conserva suas características negativas ao reproduzir conceitos autoritários (hierarquia, atribuições, papéis predefinidos), é um oxímoro² desejar atacar um sistema hierárquico de gestão do poder que trata-te como súdito, e

2 Nota da tradução: Oxímoro é uma figura da linguagem que consiste em relacionar, numa mesma expressão, palavras que exprimem conceitos contrários.

se colocar como vassalo sob a direção de outra pessoa. Da mesma forma que apercebemos alheia a transformação do poder pela “via revolucionária”, que nos afasta da destruição do sistema existente, da mesma forma apercebemos alheia toda organização “revolucionária” que ostente um funcionamento hierárquico. A existência e a aceitação da hierarquia é a lógica da assinação de tarefas, sobre as quais falaremos mais adiante.

A pessoa que aceita uma posição de inferioridade numa relação, é compatível a uma auto estima problemática, com falta de confiança nela mesma e com alienação, se bem que às vezes pode estabelecer um esforço de agitação individual, implica a renúncia consciente da responsabilidade individual. Quando algo disso acontece, a própria pessoa freia a individualidade e, conseqüentemente, o progresso coletivo de todo o grupo. Esse modelo contém a aceitação da derrota e a renúncia à iniciativa própria, o que é alheio e incluso hostil às concepções anarquistas. É um modelo de organização que não eleva as possibilidades individuais, apenas gestiona elas. Em realidade, a hierarquia, já seja institucional ou informal, existe em quase todas as relações interpessoais. Se expressa tanto nas relações de amizade quanto nas relações de amor, assim como dentro dos grupos políticos. Incluso há tentativas de imposição sub consciente de uma pessoa a outra. É produto deste mundo ou, quiçá, um instinto humano, São aspectos de nossa psique que estão presentes em todos. Assim que, ainda em nosso modelo de organização anárquica, se apresentarão manifestações de hierarquia informal. Essa é uma das primeiras questões que devem se trabalhar tanto no nível pessoal quanto no nível da organização. Desde o início, devemos estabelecer, em termos anarquistas, as bases sobre as quais evoluirá o grupo para evitar futuras situações desagradáveis. Mediante o auto controle e a preservação dos processos coletivos, ao interior do grupo, podemos enfrentar os remanentes de nossos rasgos autoritários. Podemos transformar nossas ambições pessoais competitivas numa competição produtiva entre companheiros, pela difusão de nossa causa, para a liberação individual e coletiva. Até as tensões que tem sua origem no mundo

do poder, podem se gestionar de maneira que se limitem a momentos pontuais e não se transformem numa condição permanente.

Através da comunicação coletiva, procuramos que qualquer companheiro que manifeste tais atitudes se comprometa a combatê-las e superá-las, do contrário teremos que romper com eles. Não podemos aceitar restos autoritários porque, ao longo prazo, eles se instauram em nosso interior. Por tanto, a imediata resolução do problema no momento em que se produz, nos liberará de problemas futuros de coesão, funcionamento e companheirismo. Ao respeito dessas reflexões sobre os condicionamentos internos na evolução do núcleo e sobre o problema da determinação e da iniciativa individual, ambas questões se localizam no seio de toda coletividade. Enquanto anarco-individualistas, estamos contra os sistemas de dominação sutil que pretendem nossa submissão, delimitando nossa vontade e especificando o marco dentro do qual podemos nos desenvolver. Desde certa visão, também poderíamos aperceber a agrupação da qual participamos como uma limitação para nossa vontade em seus próprios termos. Aqui, resulta evidente a importância da confirmação e revisão constante dos princípios e relações do grupo. Quando decidimos participar na guerra contra o poder, de fato compartilhamos voluntariamente as vontades e uma parte de nós mesmos. Isso é inevitável durante o processo de fermentação das decisões e da estratégia conjunta, já que nem sempre é factível compartilhar a mesma cosmovisão permanentemente. As diferentes lógicas acarretarão lentamente os primeiros desacordos. Evidentemente não há rupturas em questões relativas ao código de princípios, mas sobre determinadas escolhas e por tanto sobre as vontades e peculiaridades em temas não cruciais.

Obviamente, não porque se tenha percepções comuns, vamos ter as mesmas possibilidades de estimação política sobre parâmetros e resultados práticos. Somos diferentes e temos habilidades diferentes. Nesse caso, a chave para uma boa gestão desses problemas é fazer pequenas concessões de ambos os lados, e re afirmar a alergia

que nos provoca a especialização. Quando existem relações de companheirismo sadias e honestas, as diferentes habilidades, conseqüentemente, só tem resultados positivos, sempre que nos mantermos afastados dos papéis permanentes e dos expertos. Por outra parte, ainda um consenso que “afete” nosso egoísmo, pode ser completamente curado depois, se vemos que outro companheiro está disposto a ceder em outro momento sobre um tema futuro que se levantou nas margens da reciprocidade. Não como se fosse um intercambio, mas como reconhecimento de nossas habilidades em áreas onde sejamos capazes de oferecer mais que os demais. Isso significa que numa configuração coletiva alguns poderão dar o 100% de si, enquanto outros darão menos. As vontades podem ser comuns, mas cada um imprime seus próprios tons, e durante o processo coletivo de formação e constituição, se absorverão alguns tons mais do que outros. Nas verdadeiras relações de companheirismo, o egoísmo deve manter sua faceta criativa e contribuir ao grupo tanto no nível individual quanto no nível coletivo. Pode-se fazer concessões e produzir-se o consenso anarquista se estamos seguros que os outros companheiros também estão dispostos a fazer o mesmo com igual critério, sempre nas margens da dialética. Com a finalidade de gestionar nosso egoísmo, é importante compreender os incentivos dos outros companheiros que insistem em algo particular. Se considerarmos que tanta insistência é resultado de um análises político mais completo do que o nosso, então obviamente aceitamos e reconhecemos nosso erro. Se trata-se de um assunto de pouca importância (por exemplo o uso de uma palavra determinada num comunicado com conotações estéticas e não políticas que não agrada todos) que não entra em conflito com nossa consciência, então vale a pena fazer essa pequena concessão. Mas, se apercebemos que as motivações não estão em concordância com nossos princípios (como a covardia ou outras emoções que traem nossa vontade comum), então o assunto sai das mãos e representa uma situação geralmente problemática que deve ser esclarecida imediatamente. Se detectamos, através da comunicação e de nossa capacidade perceptiva, que uma pessoa do grupo tem motivações distintas, então deve-se quebrar

e promover sua separação. Assim, os temas que não são cruciais par a toma de decisões e o desenvolvimento do grupo podem se evitar mediante concessões mútuas em prol da funcionalidade do grupo. Mas, quando trata-se de princípios o resultado não pode ser a imposição da vontade individual sobre o grupo e vice-versa. O companheiro ou a companheira que faz algo em contra de sua vontade, e se vê obrigado a fazê-lo, seja pelas circunstancias ou pelas emoções, não agirá bem. Enquanto anarquistas, temos o princípio comum de não nos pressionar uns aos outros para tomar decisões nem para fazer escolhas que não sentimos como próprias.

Todo grupo, ainda que demore horas de discussão, deve dar forma a suas decisões. Existe uma diferença entre o uso de métodos dialéticos e a argumentação entre companheiros, e a típica persuasão como método de extorsão das decisões. O primeiro método é funcional e saudável, enquanto que o segundo é o uso autoritário das técnicas de persuasão com efeitos negativos a longo prazo.

Devemos manter sadias as bases do processo interno, afastado dos jogos da política e das condutas hostis entre companheiros. Em casos estranhos, onde ainda depois das tentativas de fermentação, terminamos num ponto morto devido a alguma decisão inamissível, devemos dar espaço à iniciativa individual. Quando não se alcança a unanimidade e as motivações das duas visões diferentes se enquadram no código de princípios comuns, então, sem que isso implique a ruptura geral do grupo, agimos por conta própria no referente a esse tema específico. É o momento em que a vontade individual supera o marco do grupo. Devemos respeitar essa vontade e tem que existir o espaço para tais iniciativas, cada vez que as condições assim exijam. Em quanto ao tema da delimitação do egoísmo individual no interior do grupo, temos algumas conclusões importantes. Nos sub temas de menor transcendência, com cada pequena concessão, damos prioridade para o papel do grupo. Nas questões cruciais que surgem, procuramos alcançar a unanimidade e a aceitação mútua em nossas decisões através da troca de pensamentos e argumentos.

Em casos estranhos nos quais isso não se consegue, se dá espaço à iniciativa individual no tema específico. Todo o anterior é possível unicamente nos assegurando de que as motivações da pessoa com uma visão diferente se enquadram nas margens de nosso código de princípios comuns.

OBJETIVOS

A criação de um grupo de ação direta implica, além dos pontos de vista políticos coincidentes, um fator comum sobre o qual edificaremos nossas vontades coletivas. Um grupo baseado nos acordos específicos que manifestam os objetivos de cada companheiro, contidos no interesse coletivo, e os interesses coletivos contidos nos objetivos individuais. Não podemos nos basear na impressão superficial que podemos ter do companheiro no momento de decidir se colaboramos com ele ou ela. Devemos tentar compreender, na medida do possível, as motivações políticas que impulsionam sua vontade de participação.

É a decisão prudencial, dos companheiros que participam do grupo, o que facilita a evolução geral de todo o projeto. Nossas vontades, ao interior do coletivo, são a negação absoluta e a destruição do sistema através da ação direta ilegal por todos os meios necessários para promover a anarquia. Porém, existem casos onde a principal motivação para se juntar numa agrupação se limita, em certa medida, à necessidade de resolver os problemas de auto financiamento pessoal. Em poucas palavras, há pessoas que buscam apenas a cooperação e os ganhos das expropriações de bancos. Enquanto que há outras que querem realizar ações, mas com a condição de baixar os meios que usamos em nossos ataques e realizar unicamente ações simbólicas. São muitos os exemplos dos distintos enfoques sobre o funcionamento e evolução dos grupos de afinidade. Os problemas se apresentam quando as aspirações de seus membros diferem ou começam a se limitar uns aos outros, então, surgirão dificuldades no processo do grupo, produzindo, como consequência, divisões. Por isso, os membros do grupo devem compartilhar prioridades,

porque quando existem objetivos diferentes, se perde o objetivo coletivo. Uma deformação presente no movimento anarquista é que encontramos muitos dispostos a melhorar suas ações na linha do auto financiamento, mas não na linha da guerrilha urbana anarquista.

Se os anarquistas que optam pela expropriação a mão armada também realizassem, com a mesma frequência ações armadas, a presença da guerrilha urbana seria muito mais notória. Lamentavelmente, apenas uma minoria de expropriadores anarquistas partem da expropriação armada para depois elevar suas ações às puramente políticas, onde não existem benefícios para a subsistência. A pergunta é porque estão dispostos a tomar as armas para entrar num banco, preparados para matar ou morrer numa troca de tiros, mas não estão preparados para usar essas mesmas armas para apontar e disparar aos inimigos que nos dominam. Essa pergunta tem tantas justificações como respostas. Aparentemente, a razão principal é o medo. A perseguição policial se foca menos numa simples expropriação que nas ações puramente políticas.

Para pô-lo claro, a opção de roubar um banco não somente é aceitável para nós, também é um ato necessário e integral para o funcionamento dos grupos guerrilheiros. Há gastos operacionais que devem ser satisfeitos para poder desenhar e concretizar ações e também, o bem estar dos integrantes. Evidentemente, não satisfazemos totalmente nosso anseio de uma ação integral, unicamente evitamos a escravidão assalariada que é uma ferramenta básica de lealdade ao sistema.

Quando não se combina o rechaço ao trabalho com a participação na guerrilha urbana anarquista, a expropriação se transforma num “trabalho” mais e numa forma de enriquecimento ilegal que por si só não é uma ameaça ao sistema. Queremos economizar tempo para nos entregar totalmente à causa da revolução. Nossas aspirações não se limitam a propostas de meios alternativos de vida, unicamente se satisfazem mediante o ataque multiforme ao sistema na sua

totalidade. Em realidade, devido à crescente segurança nos bancos, atualmente na Grécia a opção expropriadora tem se tornado difícil, o que tem provocado que muitos abandonem a expropriação e percam inclusive esse pequeno contato com a clandestinidade, como mostra sua particular escolha.

Temos feito referência às diferentes motivações que tem alguns, que querem se envolver com os grupos armados, apenas para demonstrar a importância que tem os objetivos comuns em todo o grupo. Se alguém que possui um anseio maior pelo ataque conforma um grupo com outros que somente se interessam na expropriação, automaticamente se encontrarão com um limite na sua capacidade operativa. Se há duas pessoas que compartilham a vontade de agir, mas cada qual define o limite de seus métodos (por exemplo o uso exclusivo de dispositivos incendiários), isso reduz automaticamente a atividade do companheiro que tenta levar à prática execuções políticas. Desde logo, como o absolutismo somente se ajusta à teoria e não à vida real, consideramos que não devemos nos limitar a esperar e pospor nosso agir até que encontremos os companheiros perfeitos quedos do céu. Antes do que pospor é melhor aproveitar a colaboração de diversos companheiros, ainda quando tenham diferentes prioridades das nossas. Além do mais, sempre teremos a probabilidade de que as fricções e as experiências compartilhadas enriqueçam as opções individuais.

Ainda que sem ser pessimistas, as pessoas tendem às soluções fáceis e à segurança, evitando o caminho difícil da realização das idéias anarquistas. Todo o problema é a procura de justificativas para pospor a ação até concretizar o grupo e as condições perfeitas. Contrariamente, nós falamos da anarquia aqui e agora. Porém, queremos nos focar naquela ideia que afirma que é melhor escolher a construção de uma relação com perspectiva de desenvolvimento com o companheiro mais inexperiente, do que escolher uma estrutura oportunista que na prática apareça como a mais experiente pelo qual está limitada desde o princípio. Vale a pena apostar por

algo com o que nos identificamos melhor e não com algo com o que temos pouco em comum. Por isso, devemos tentar ser claros desde o início em relação aos objetivos, para que cada companheiro possa fazer sua escolha. Para nós, o objetivo é a criação de um grupo que integre todas as formas de ataque, na ação, e que seja uma ferramenta para a realização de nossos anseios de rechaço a este mundo, através de ação. Partindo dessa base comum continuaremos focando alguns dos assuntos que possam surgir do desenvolvimento posterior da agrupação.

AS TAREFAS

Outro tema interessante que surge particularmente em grupos com múltiplos membros é a distribuição de papéis dentro dele. O processo de designação e especialização de papéis são uma constante quando alguém se compromete a levar adiante um “trabalho” específico. Essa especialização -se não é quebrada- pode se tornar um problema com o tempo. Assumimos que os membros do grupo não são todos iguais, pelo que não faz sentido supor que alguns tenham maiores habilidade que outros em coisas específicas. A sequência lógica nos indica que se alguém faz algo melhor que os demais, e se compromete a fazê-lo, aumentam as possibilidades de obter melhores resultados. Desde logo, como nosso objetivo -para além do resultado- é a superação pessoal dentro do grupo, nesse caso existe um problema delicado.

Que uma mesma pessoa assuma o “trabalho” concreto de forma permanente, impede o desenvolvimento do resto do grupo nessa área específica. De tal sorte, temos uma grande eficácia por um lado e pelo outro, o problema do desenvolvimento individual dos membros do grupo. A superação deste dilema se logra mediante a gestão adequada e o funcionamento do grupo. Quando alguém se torna o “experto” dentro do grupo, estamos frente ao início de comportamentos egoístas alienantes, que podem conduzir a hierarquias informais.

As consequências de uma consciência pobre e a convicção de superioridade sobre os demais membros por possuir algum conhecimento ou habilidade, somente conduzem às mesmas

condutas de alienação do próprio sistema.

Isso alimenta o aspecto negativo de nosso egoísmo e, como consequência, provoca que os papéis se fixem nas suas trincheiras, gerando respectivamente, relações de afastamento dentro do grupo. Algo que contradiz a própria lógica da constituição do grupo, provocando a ruptura do companheirismo entre seus membros.

Evidentemente, como toda moeda, isso tem duas caras; a aceitação da experiência de outros é também a aceitação de nossa renúncia em matéria de desenvolvimento. É uma forma de derrotismo e uma falta de confiança em nós mesmos.

Naturalmente, isso poderia ser pior se essa aceitação provém do apego à delegação individual. Liberar-se das tarefas do grupo “deixando” elas para os outros, seja por medo de fazê-las (a causa do risco) ou por preguiça, é algo que, enquanto é identificado, deve ser combatido de imediato, e ainda deve chegar ao conflito com quem desenvolve tais atitudes.

O que nos ajuda evitar os obstáculos dos egos e das pequenas hierarquias é a promoção da difusão do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades como as base do grupo. A pessoa que possui conhecimentos e habilidades em algo, deve transmiti-los aos demais membros. Não pode haver egoísmo de uma parte nem apatia da outra.

O conhecimento não deve permanecer em mãos de uma pessoa. Apenas mediante a comunicação, nutrimos o desenvolvimento de cada integrante e, por tanto, do grupo em sua totalidade.

Ao longo desse processo, pode gravitar a visão individual de liderança de quem tenha maior conhecimento, mas não poderá agir de maneira infalível ou com ares de erudito. Devemos fincar o processo do grupo no aprendizado constante e permanente,

consistente na experimentação de todos os membros em novos campos de conhecimento.

Tornando isso numa competição de caráter digno entre companheiros, que seja uma motivação adicional no nosso desenvolvimento. Além do mais, vivemos numa era digital onde a informação está em todas partes ao nosso redor.

O que falta é a vontade de construir conhecimento. Quando a pessoa tem um interesse real na guerrilha anarquista, deve ampliar seus conhecimentos, utilizar a tecnologia -tornando-a contra seus donos- e atualizar sua ação por todos os meios.

É absurdo se empenhar em pensar que deve se manter um nível baixo de violência anarquista sob o pretexto de que assim será mais fácil assimila-a, ao se empregar meios dos quais todos possam se apropriar com facilidade. Ao final, o que vamos manter em baixo nível é o potencial de superação individual e, consequentemente, grupal.

Todos os meios de ataque podem ser acessíveis com a adequada atenção. A tentativa de algumas teorias que optam por meios de ataque de baixo impacto não são a solução ao problema da especialização. Geralmente são somente justificativas para evitar as consequências legais, por medo à repressão, revestidas de discurso teórico. Não se trata de um problema prático, que se resolva se empregamos apenas meios simbólicos. É uma questão política que requer consciência individual e coletiva, e a vontade de afiar ou aguçar o ataque anárquico contra o Estado e suas estruturas.

Isso tudo tem uma relevância prática além da possibilidade de melhorar as relações entre companheiros, já que cada companheiro desenvolve por sua conta suas habilidades e amplia suas capacidades. No decorrer de nosso agir, é provável que qualquer um de nossos companheiros seja arrestado ou assassinado.

Se você é a única pessoa que possui algum tipo de capacidade chave para o funcionamento do grupo, e o resto permanece como espectador no processo, estarão num momento muito difícil no momento em que você não esteja. Por exemplo, se num grupo há somente uma pessoa que sabe roubar carros ou fabricar bombas, se perde-se essa pessoa, o golpe seria enorme e obrigaria a re posicionar a continuidade da ação dos demais membros.

Em contraste, quando todos reclamamos o conhecimento e praticamos nossas habilidades, a capacidade do grupo aumenta, gestionando situações difíceis.

Por tanto, nosso propósito não é limitar o desenvolvimento dos meios, e sim experimentar sua utilização com o esforço constante de todos os membros, e incrementar suas capacidades. Somente assim, é possível desenvolver, em qualquer pessoa do grupo, os conhecimentos e habilidades necessários em todos os aspectos da organização.

A QUÍMICA DAS RELAÇÕES E SEU USO PRÁTICO

A vontade e a escolha que motivam nossa participação em uma organização, não é apenas querer ser parte de uma ferramenta que ataca o sistema autoritário. Mediante a criação de um grupo anarquista, desejamos criar associações fundamentadas em princípios anarquistas e na experiência comum na ação. Isso constitui o nó fundamental da organização, e a base dos posteriores procedimentos práticos. Ao longo dessa colaboração, obviamente, se desenvolvem diferentes relações entre os distintos membros do grupo.

Os esforços por dar forma a um terreno comum, o fermento que se produz a partir desse processo e a fricção que se desenvolve através das experiências e ações comuns, junto das características especiais de cada individualidade, geram diferentes “químicas” em cada relação. É sabido que nem todo mundo engrena da mesma maneira. Com algumas pessoas podemos ter maior empatia sobre a apreciação e percepção das condições do que com outras.

Referenciais em comum, idades e experiências similares, podem ser algumas das dezenas de parâmetros que nos conduzem em direção desse resultado. Independente do aprecio mutuo e do companheirismo que compartilhamos entre todas as pessoas envolvidas no projeto, como condição básica da experiência do grupo. A química em uma associação, como resultado da cooperação entre as individualidade, é algo com tons próprios, que não pode se determinar racionalmente.

Não tem sentido forçar situações tentando alcançar um estado ideal no qual todas as pessoas da organização se relacionam

exatamente igual entre si. Alguns detalhes, como um vínculo mais estreito entre companheiros que além disso são amigos, temos que reconhecer, e nos focar em levar isso da melhor forma possível para evitar que a amizade chegue a ser invasiva e justifique situações que depois de certo tempo possam alterar as características do grupo.

Todo o que temos exposto aqui, se aplica mais nos grupos com múltiplos membros do que nas células de dois ou três pessoas, onde as coisas são mais simples e claras. Como acontece com qualquer tema que se nos apresente, nesse caso também utilizamos conceitos que elaboramos a partir de nossas conclusões sobre o que temos vivido, e procuramos a melhor forma de resolver os problemas existentes, e evitar futuros.

Temos que entender que a existência de diferentes químicas entre as individualidades pode afetar eventualmente o curso de nosso agir e justo ali, subjaz todo o problema. A relevância prática de tal situação, a encontramos, por exemplo, na tentativa de levar adiante uma ação com dois membros do grupo entre os quais não exista boa química.

Nesse caso, a ausência da “boa química” entre eles, pode debilitar seu potencial como consequência da falta de cooperação. Isso reduz a probabilidade de êxito e seu vigor, sendo vulneráveis diante de fatores imprevistos. Todo plano, por muito detalhado e bem preparado que esteja, sempre trará imprevistos impossíveis de prever na sua totalidade. Esse vácuo se preenche na hora graças à iniciativa e reações das pessoas envolvidas na ação concreta. Os reflexos imediatos e a toma de iniciativas rápidas, fincadas na boa cooperação diante de situações intensas e imprevisíveis, são o cerne de tudo, sendo o momento em que a química entre companheiros joga um papel decisivo. Se faltasse esse elemento, é provável que se produza uma combinação problemática de diferentes iniciativas que conduzirão ao fracasso. Há frações de segundo nas quais os companheiros devem agir como se fossem uma mente só, e sincronizar seus movimentos em função de uma estratégia comum

para poder enfrentá-la e ter êxito.

Devemos entender que a química entre companheiros não vem determinada por uma simples “suma” de cada uma das habilidades necessárias para a ação. As fricções entre eles e a experiência e o conhecimento das peculiaridade de cada um, são alguns dos fatores importantes da cooperação que incrementam o nível de êxito.

O processo de desenvolvimento das associações se consegue com o tempo e se baseia no uso do conhecimento e no quanto conhecemos nossos companheiros. Não podemos forçar a aceleração desse processo. O único que podemos fazer é criar as condições que ajudem esse desenvolvimento.

Toda essa conclusão nos leva para um cuidadoso tratamento do problema no momento de formar os subgrupos que realizarão uma ação. Devemos contar com outro fator, a química entre os companheiros que se comprometerão a realizar a operação.

É provável que algumas pessoas que contem com as habilidades necessária para a realização de uma ação específica, ao formar um subgrupo com outros, não possam fazê-lo a consequência das escassa cooperação entre elas. Podemos promover a formação de sub grupos informais individuais ao interior da organização básica, em função da melhor química entre as pessoas que participam neles.

Isso não nos perturba em nada se existe a base comum, antes mencionada, da colaboração mútua entre todos os membros. Ao manter uma direção comum da organização através de procedimentos e decisões coletivas, evitamos que os aspectos das hierarquias informais afetem a coerência do equipe. Estes modelos de grupos operativos oferecem-nos a possibilidade de contar com certos “pilares” relativamente autônomos que brindam apoio a todo o processo e que tem o aprendizado de trabalhar em colaboração.

Desse modo, se desenvolvem vínculos ainda mais fortes entre companheiros e se evitam fricções até certo ponto motivadas pela colaboração forçada entre integrantes do grupo que não contam precisamente com as relações interpessoais ideais.

Algo que requer especial atenção é cuidar que esse modelo não gere distanciamentos entre companheiros. Não faz sentido resolver as relações problemáticas entre companheiros dessa forma. Esses problemas devem se manejar de maneira diferente. Com isso, simplesmente promovemos um modelo com o objetivo de aproveitar da melhor maneira possível as oportunidades de cada um, sobre a base da química que desenvolvem com outros companheiros e, não se limitar a suas próprias habilidades. Assim, as pessoas encontrarão por si mesmas um terreno mais fértil em toda as áreas de desenvolvimento. Naturalmente, também não é aceitável a criação de núcleos diferentes que gerem um grupo de duas velocidades, concretizando um grupo com aqueles que tem maior potencial e, por outro lado, outro com pessoas que quiçá não tem muita experiência.

Nos referimos à criação de algo equivalente a uma célula que respeite o princípio básico da organização e as possibilidades de desenvolvimento individual através da ação de cada membro. Todo isso com a finalidade de garantir que todo se mova conforme à decisão conjunta de todos os companheiros, desativando as tendências disruptivas.

Em conclusão, nosso objetivo é tentar melhorar todas as relações independentes dentro do grupo como requisito prévio para uma evolução coletiva.

GESTÃO DE RELAÇÕES E RUPTURAS

Com a evolução do grupo, nos aproximamos mais de nossos companheiros, graças ao atrito que se produz ao compartilhar experiências. Apreendemos melhor uns dos outros e, ao longo desse processo, construímos relações mais sólidas. Sem dúvida, no caminho descobriremos infinidade de aspectos da personalidade de nossos compas e ainda, aspectos de nossa própria personalidade que antes éramos incapazes de aperceber. Em condições difíceis, revelamos o mais autêntico de nós. Ao experimentar momentos intensos, nossas reações mostram de que realmente estamos feitos. Dessa forma, se anulam as justificações fáceis e a mitigação que frequentemente alimenta certa sensação de “permissão” com evidentes consequências na despolitização do grupo.

Não devemos depender da simpatia da gente, nem de condutas particulares para chegar a uma conclusão geral. Resulta mais efetivo formar nossa opinião dos demais segundo a atitude que assumem nas condições difíceis. Quando alguém faz algo uma vez, é muito provável que o repita, especialmente quando se trata de um fato negativo. Por outra parte, a melhor forma de calcular o comportamento futuro de alguém é mediante o estudo e a compreensão de seu passado. Em qualquer caso, nossa valoração positiva ou negativa de alguém deve ser fruto de seu progresso global, e não deve se limitar à valoração de momentos individuais. As características negativas -produtos da alienação onde vivemos e nos desenvolvemos- são parte do temperamento de todos nós. As condutas que estão motivadas pela propensão ao interesse próprio, combinadas com a falta de interesse pelos mais próximos e o egoísmo em geral, são elemento que podem

continuar aparecendo de maneira transversal no âmbito do grupo. O único horizonte que se abre na evolução de tais comportamentos, é a consciência e o código de princípios individual e coletivo. É por isso que tentamos -mediante o auto conhecimento e o conhecimento de nossos companheiros- limitar e eliminar condutas e motivações alienantes.

Não devemos cair na trapaça das justificações. Compreender porque as pessoas fazem o que fazem, não significa justificar que façam aquilo, e sim o ponto de partida para tentar cambiá-lo. Não há porque culpar às condições, nem ao mal momento, nem, em geral, a qualquer outro fator que não seja a pessoa em si mesma.

A coerência é uma característica chave dos grupos de afinidade e de suas redes informais. É algo que tentamos e que deve se fundamentar na honestidade e na aceitação de um código de princípios comuns. Quando captamos as condutas problemáticas dos companheiros, não devemos ignorá-las -sob um falso sentido de unidade- nos fazendo ilusões, tentando não perturbar o ambiente entre nós, e pretendendo que está tudo bem. Esse enfoque míope criará problemas futuros no seio do grupo. É importante separar as condutas problemáticas reais da falta de química ou compenetração entre os companheiros. Cada um é diferente e todos temos rasgos que podem parecer frivolidades para outros. O verdadeiro problema surge quando apercebemos que algumas condutas tem motivações que vão em contra de nossa consciência e de nosso código de princípios.

Não podemos passar por alto esse tema porque pode socavar a integridade do projeto fundado nas relações honestas ao interior do grupo. Nossa gestão nesse sentido deve ser clara e direta. O primeiro que devemos fazer quando apercebemos algo é usar a comunicação direta e imediata com as pessoas que consideramos problemáticas, de igual forma que com o resto dos companheiros do grupo. Quiçá, com esse esforço nosso, damos oportunidade para que essas pessoas identifiquem e corrijam seu erro. Ao mesmo tempo, esse processo

nos ajuda a confirmar se nossa apreciação foi correta, observando o comportamento que mostram quando comunicamos nossa opinião e expressamos o que consideramos sobre elas. Sua reação será decisiva para esclarecer a situação. Isso pode levá-las a superar o erro através de uma percepção efetiva do mesmo e corrigir, finalmente, a conduta problemática. Da mesma forma, podem nos mostrar que estávamos errados e que fomos exagerados em nossas conclusões. Finalmente, pode que nossos esforços sejam coroados pelo fracasso, o que nos conduzirá à seguinte etapa: a ruptura imediata com elas.

Nesse último cenário, a ruptura deve ser uma decisão coletiva, tomada por todo o grupo. A organização se baseia na coerência, pelo que não tem cabida os termos meios nem a paciência. Quando uma pessoa considera que tem um problema substancial com outro integrante da organização, é responsabilidade de cada um adotar uma posição firme ao respeito disso. Aqui não cabem sentimentos tíbios. Tudo deve ser transparente. Do contrário, a negatividade, as inibições, e os prejulgamentos se introduzem nas relações que devem se basear na honestidade.

No entanto, devemos ser conscientes de que, às vezes, quando as pessoas afins entram em conflito, é impossível retornar ao companheirismo que mantinham previamente numa relação indiferente. Pelo geral, o que se cria é um clima de hostilidade, produto da insatisfação e frustração, permitindo que afluam as mais afiadas exigências à pessoa que pensávamos era um companheiro entranhável. Por tanto, cada integrante do grupo, de forma clara, deve estar consciente do grau de responsabilidade pessoal que tem numa decisão coletiva, já que o futuro é incerto.

Essa consciência, junto a plena honestidade, constituem a base que nos permitirá resolver os problemas internos que seguem ao comportamento problemático de alguns dos membros da organização. Em conclusão, temos percebido que somente quando nos julgamos de forma estrita, a nós mesmos e às pessoas que

conformam a organização, fincamos bases sólidas para a evolução e, paralelamente, evitamos problemas futuros. Necessitamos confirmar constantemente nossas motivações através da ação e, jamais nos conformando com os acertos iniciais. Por último, quando os problemas que se nos apresentam afetam nosso código de princípios, devemos resolver eles diretamente, mediante comunicação sincera a todo custo.

O ENGANO (MAL-ENTENDIDO) DO ÓBVIO

Algo que com o tempo pode se apresentar numa agrupação permanente -e que, em certa medida, é uma deformidade desse modelo de organização- é o mal-entendido do óbvio. Existe uma tendência razoável a “bloquear” nossas opiniões sobre os companheiros com quem compartilhamos experiências e instantes de tensão. Em algum ponto de nossa trajetória comum, automatizamos as opiniões que temos sobre os companheiros mais próximos. Não questionamos suas motivações nem pesquisamos sua maneira de pensar. Consideramos, e até certo ponto é pertinente, que temos chegado a conclusões confiáveis sobre cada um de nossos companheiros. Isso é razoável e útil na medida em que evita que todos os dias tenhamos que re afirmar os princípios básicos dos companheiros com os quais nos vinculamos, o que seria entediante e certamente pouco funcional.

Porém, é justamente aqui onde surge o problema que mencionávamos.

Cada pessoa é única e tem suas próprias considerações, vontades e formas de pensar. Mas estamos influenciados pelas diferentes situações que experimentamos. O resultado dessa influência se traduz de maneira diferente em cada pessoa. Ainda quando experimentamos as mesmas situações com pessoas próximas a nós, não necessariamente chegamos às mesmas conclusões. Por tanto, o fato de considerar algo óbvio, desde um ponto de vista compartilhado num momento dado, onde as circunstâncias eram diferentes, não significa que, em outras circunstâncias, tudo irá se manter sob a

mesma ótica comum.

Quiçá esse seja o momento onde se apresentem as maiores frustrações, quando algum de nossos companheiros próximos abordam o contexto desde posições discordes com os critérios que, erradamente, achávamos ter em comum. Podemos tratar de evitar esse problema com uma adequada gestão das relações ao interior do grupo, prevenindo esse tipo de situações. A prevenção dessas situações tem lugar em duas etapas. A primeira está relacionada com o período de integração o de conformação da organização. É nesse momento, como já temos comentado, quando devem se estabelecer claramente as aspirações, motivos e vontades de cada pessoa. Esse é o momento em que apercebemos que existe uma base comum entre os companheiros, sobre a qual construiremos nossa operação coletiva. Para além das questões puramente teóricas, também é importante estabelecer a continuidade prática de nosso agir.

A atitude que consideramos mais adequada é que todos estejamos de acordo em nos apegar coletivamente às questões chaves que possam surgir. Uma delas é nosso comportamento em caso de arresto e o fato de assumir a responsabilidade política de nosso agir. Isso é algo que devemos concordar previamente, com a finalidade de definir uma posição comum, dependendo das possíveis circunstâncias nas quais possa acontecer o arresto. Evidentemente, não devemos restringir nossos acordos somente às possíveis consequências de nossa ação.

Existem muitas situações inesperadas com as quais teremos que lidar, como a opção pela ilegalidade após uma ordem de captura ou um enfrentamento, etc. Por isso, os debates sobre os possíveis cenários são muito necessários ao interior do grupo. Nos preparam e nos introduzem num processo de pensamento que se desenvolve num tempo neutral e não sob a pressão das circunstâncias. Assim podemos chegar a tomar decisões mais serenas e conscientes diante de um acontecimento do que se decidimos sobre ele no momento

em que ele acontece e sob pressão. Além do mais, através dessas discussões compreendemos melhor nossos companheiros mais próximos, o que aumenta a coesão do grupo ou, pelos menos, nos permite definir melhor o que pensa quem está de nosso lado. Dessa forma, abandonaremos todos os supostos que possam gerar obviedades incorretas, atingindo acordos claros através da comunicação que nos brinda nosso código de princípios e, cada pessoa, individualmente. A segunda etapa do processo, onde pode se apresentar um mal-entendo entre o aquilo que consideramos óbvio e a realidade, acontece depois de uma larga interação, compenetração e convivência entre companheiros.

Normalmente, desde a primeira etapa, nos inícios do grupo, devemos ter esclarecido nossos pontos de vista sobre os temas cruciais. Mas, com o tempo, as prioridades, inclusive as aspirações e a forma de pensar, de qualquer um de nós, podem chegar a mudar, influenciados, provavelmente, por novas condições. Assim que, o que resultava evidente, baseado num pensamento racional continuo fundamentado em acordos prévios, pode deixar de sê-lo para qualquer um dos integrantes do grupo. Confiar na existência de uma base comum que se constituiu em circunstâncias diferentes, pode nos deixar presos em conclusões erradas. É importante ter a capacidade de perceber as mudanças de nossos companheiros e prevenir qualquer mal-entendido, expondo diretamente nossas preocupações sobre suas mudanças de orientação respeito do rumo comum que tínhamos desenhado. É necessário re estabelecer, periodicamente, o debate sobre os temas cruciais para reafirmar nosso razoamento comum. Isso não é apenas fundamental para manter vivo o pensamento organizativo afastado do dogmatismo, mas também para firmar nosso compromisso comum. Apesar disso, quando alguém realmente tem mudado até o ponto de considerá-lo problemático, é melhor romper com essa pessoa dentro de um período de tempo morto e não nos momentos intensos, como quando se apresenta um arresto, etc. Obviamente, o lógico seria que a pessoa que se retirou e pensa de forma diferente, não intervenha no processo coletivo,

já que é de competência dos indivíduos que se mantêm coerentes e apóiam os acordos conjuntos. Porém, como não nos interessa o tipicamente correto, e sim o resultado e a imprescindível prevenção dos problemas, não podemos esperar que outros tomem a iniciativa, temos que proteger o grupo e a nós mesmos, tomando a iniciativa e iniciando o debate interno. Em conclusão, devemos saber que não podemos confiar nas apreciações óbvias porque, mais cedo ou mais tarde, experimentaremos fortes frustrações.

Em quanto detectamos sinais de mudança nos companheiros, devemos nos comunicar com eles de forma direta e coletiva, evitando problemas futuros. Não podemos nos deixar pegar pela rotina, porque então seremos incapazes de avaliar em função de novos parâmetros. Reafirmamos nosso acordos e fazemos deles parte do núcleo de nosso grupo.

A ESTRUTURA ORGANIZATIVA

Outro tema de caráter técnico, cuja gestão implica rasgos puramente políticos é o modelo estrutural da organização em relação a sua funcionalidade, suas perspectivas de difusão e a realização das regras relativas à conspiração. Para começar, a proposta que consideramos tem mais oportunidades de fazer aflorar todas as possibilidades de plasmar e estabelecer um terreno fértil para o desenvolvimento das pessoas conscientes, é a estrutura organizativa estável¹. Isso nos brinda uma base consistente que cria condições de desenvolvimento entre companheiros e apresenta perspectivas para a realização efetiva de nossas concepções anarquistas. Ali se desenvolvem relações impulsionadas pela honestidade, o companheirismo e a paixão comum pela ação. Isso tudo se verá reforçado com a durabilidade do projeto, desenvolvido gradualmente e com possibilidades reais de progredir -diferente das formações ocasionais que restringem nossa perspectiva de longo prazo. Ter uma data de validade depois de concluir a ação para a qual foi criado o grupo, deixa uma terrível sensação de fracasso e insatisfação em todos os participantes. Essa perspectiva promove encontros oportunistas em função de um tema específico ou limitados à lógica de apenas um tópico e, da por suposta a auto dissolução do grupo como procedimento óbvio, o que o faz problemático desde vários pontos de visão. Não nos oferece a oportunidade da ocupação coletiva em experiências, entre os participantes, com perspectivas de desenvolvimento do projeto, superando erros e problemas que encontramos durante sua trajetória; o que nos conduz para decisões

1 N.d.T. O debate do texto sobre uma organização estável, não se refere as organizações formais de cunho anarco sindicalistas ou plataformistas, o texto e o debate se focam nos grupos de ação direta estáveis, que chegaram a formar várias células no seu interior, a partir da proposta Anarquista Informal, sendo a Conspiração das Células de Fogo um dos exemplos mais destacados.

gerais de vida, onde atacar se torna um passatempo, uma atuação ou um tipo de trabalho. Dessa forma, se promovem relações descartáveis em contraposição de algo autêntico que, com o passar do tempo e a duração do grupo, podem se gerar. É como se apercebêssemos o todo parcialmente e se subestimasse o ideal anarquista no seu conjunto, sem possibilidades de aprofundar, sabotando o esforço de criação reflexiva dos companheiros. Pelo geral, essas concepções (hierarquias, imposições, etc.) nem sequer são produto da reflexão que parte da avaliação que se produz no decorrer da evolução de uma iniciativa estável, mas o resultado de uma cultura cheia de medo que tem impregnado os círculos anarquistas. Uma estrutura estável sempre será prioridade para a repressão, precisamente porque incrementa o potencial de desenvolvimento de situações. Mas o medo não pode nos levar para o rechaço dos modelos de organização com perspectivas, não pode nos levar a promover uma versão light do que somos com a finalidade de evitar nos tornar um objetivo policial.

O tratamento que recebemos da repressão deve nos impulsionar a incrementar as condições de segurança dos grupos de células e da própria conspiração, sem rechaçar sua intensidade nem tratar de frear nossas capacidades.

Acreditamos que todo grupo guerrilheiro anarquista é um experimento de relações forjadas no terreno da ação. Qualquer experimento pode falhar por diversas razões. Não existe uma receita ideal.

Apesar disso, tentamos evoluir em paralelo, aprendendo tanto das experiências prévias, quanto das próprias. Qualquer fracasso que experimentamos não deve nos levar a negar a lógica da organização nem da criação das agrupações guerrilheiras. Em cada novo esforço, reparamos no que consideramos que nos dirigiu ao fracasso do esforço anterior. Se por alguma razão, um grupo finalmente acaba sendo apenas uma aventura ocasional, não será igual se mantém um nível baixo de ação, como temos definido. Ali radica a diferença entre

uma crítica imprescindível, motivada pelo desenvolvimento, e a crítica negativa, impulsionada pelo medo com verniz político. Então, se nosso objetivo é promover a criação de estruturas permanentes de ataque; a evolução natural dessa reflexão é concretizar um nome próprio para essa estrutura permanente que desenvolvemos. Da mesma forma em que o fazem as agrupações que assumem iniciativas políticas como a edição de uma revista, o funcionamento de uma emissora de rádio ou uma okupa, nosso projeto também tem que contar com um nome específico. É a expressão da necessidade de auto definição e de nossa diversidade, numa sociedade que tenta nos assimilar e nos condicionar com critérios ao serviço do estilo de vida dominante. Não nos conformamos com a “etiqueta” geral que aplaina nossa individualidade e nossa especificidade, não. Nem somos “alguns anarquistas” nem nos define a consigna de moda “A luta continua” ou aquilo que os outros decidam usar para reivindicar suas ações.

Assim, elegemos a continuação de nossa perspectiva, já que as ações não falam por si sós. A reivindicação de nossa responsabilidade por qualquer ação que realizamos é um elemento determinante que conecta a teoria com a prática. Uma ação por si só não produz mensagens através do simbolismo da eleição do objetivo, nem do momento, etc. O problema é que as interpretações costumam ser tão diferentes das idéias de aqueles que realizam a ação, que a transmissão da mensagem é incompleta ou leva para conclusões distorcidas sobre suas motivações. Apenas quando os perpetradores expressam, nas próprias palavras, as razões que os levaram a agir, é que a mensagem consegue ser comunicativa. A ação é o resultado de nossas vontades e decisões. O poder sempre tenta tergiversar as notícias ao serviço de seus interesses. Aliena a ação direta das motivações de seus autores porque considera que transmitem a chispa rebelde que tentam ocultar. Seu objetivo é nos mostrar as ações através dos meios de comunicação, apenas desde a ótica do poder. Mas, detrás de cada ação estão as individualidades que arriscam sua liberdade e vida para as concretizar. É através desses atos que pretendemos

difundir nossas ideias. E lograremos isso somente defendendo as ações com nossas palavras, expressando o que queremos. Nesta guerra, procuramos companheiros, não submissos batedores de palmas, nem uma aura da aceitação superficial. Dirigimo-nos àqueles que estão dispostos a escutar. Porém, também nesse caso, existem perspectivas que sugerem silenciar o discurso dos perpetradores das ações diretas. Essas opiniões, presentes em “nossas” tendas, se derivam do medo à repressão que mencionamos. Em efeito, esse é um dos argumentos dos “anarquistas!” que rechaçam a ação direta como parte integral de sua prática. Temem que a ação e o discurso das organizações anárquicas aguce a repressão contra o movimento anarquistas em sua totalidade, já que o poder considera que é ali que residem os autores. Desse modo, o anarquismo oficial separa a teoria da prática e se posiciona como vítima porque não logra evitar a repressão, apesar de escolher uma opção errada, ao serviço do poder.

Mas, não devemos condicionar nossas vontades e escolhas em função do medo dos reformistas. Nosso discurso e nossa prática estão interligados inextricavelmente.

Desde esses laços tentamos provocar o fator caótico e sabotar a formula do poder. Produzir fraturas na forma de pensar estabelecida, abrindo uma sacola de probabilidades. Esse é um dos objetivos básicos de nossa ação. O esforço por sabotar o fluxo do pensamento uniforme da sociedade, estimulando a toma de consciência em algumas individualidades com a finalidade de expandir a guerra anárquica e a destruição do poder.

Retornando a nosso tema principal, devemos ser capazes de combinar uma estrutura estável com os meios de irradiação que desejamos. Essa difusão se realiza em dois níveis. O primeiro mediante a reivindicação de nosso atos e ações; nosso discurso e nossas concepções viajam alcançando desconhecidos, e estimulam a reflexão. Ainda isso pode ser uma motivação adicional para atualizar os meios após a estimulação reflexiva que oferece nossa prática. O

outro nível de difusão é mediante o contato direto e a relação pessoal com aqueles que desejam agir. Eis onde aparece a interrogação sobre como gestionar adequadamente o crescimento de nossa organização com a adesão de novos companheiros que desejam se unir. Aqui, para além da vontade de conviver e colaborar com novos companheiros, se apresenta a questão e a discríção necessárias.

A EXISTÊNCIA DE UMA ESTRUTURA FIXA, NÃO DEVE SE MAL-INTERPRETAR COMO CENTRALIZAÇÃO

Consideramos que não deve haver uma organização que não limite o crescimento de seus membros. Isso traria dificuldades tanto no nível prático quanto -já que inevitavelmente violaria as regras de segurança- quanto no nível operativo, já que evoluiria para uma estrutura pouco manejável e incapaz de fazer frente à velocidade quando as circunstâncias exigiam. Em última instância, adotaria métodos burocráticos como consequência do número de membros, abrindo a porta dos fundos para condutas adversas a nossas convicções anarquistas.

Nossa opinião é que células e grupos pequenos e flexíveis podem funcionar melhor que uma organização centralizada. Como já temos mencionado, inclusive quando as condições ou circunstâncias nos levem a agregar mais pessoas operativas daquelas que tínhamos contemplado e que consideramos podemos aguentar, por razões de coerência e eficiência, poderíamos criar uma nova infra estrutura interna de células menores ao interior do próprio grupo. Isso aumentaria a eficácia do grupo, já que todos os membros trabalhariam simultaneamente, simplesmente distribuídos em dois ou três células menores, cada uma delas encarregada de algo diferente.

Por exemplo: Quando uma célula planeja uma expropriação para financiar a organização, enquanto a outra realiza uma ação política conforme o combinado mutuamente no grupo. Evidentemente, num modelo de organização desse tipo, com um grupo conformado por múltiplas células, da mão da autonomia na planificação das ações, deve se manter um processo similar àquele de uma assembléia

aberta a todos os integrantes, onde podem se discutir todos os temas e, finalmente, se combinar a estratégia comum da organização. Esse modelo facilitará, além do mais, a disponibilidade do pessoal e a criação de novas células com gente disposta a se unir à guerrilha urbana anarquista, e que deseje cooperar conosco. Assim, a cada vez que um novo companheiro entre em contato conosco, será muito melhor pôr ele num período de prova, numa célula de três o quatro pessoas, onde a proximidade e a ação com os demais permitira a eles esclarecer se realmente existe um desejo de colaboração. Dessa forma manteremos certa barreira de segurança, já que os companheiros apenas terão contato com uma parte do grupo e não com sua totalidade. Dessa forma, com essa etapa provisional, garantimos que não se exponha a totalidade de nossa estrutura e, se decidimos não avançar na cooperação com o novo/nova companheira, teremos a menor quantidade de falhas de segurança possível.

Essas células de prova, que evidentemente terão um nome diferente daquele da organização matriz, são uma forma relativamente segura para o ingresso gradual de novos companheiros dentro da guerrilha urbana anarquista. Por outro lado, todo o projeto da organização matriz e das células de prova, se contornam sob o guarda-chuvas da rede da Federação Anarquista Informal, e de nossa luta geral pela destruição do poder. Mas, por enquanto, não analisaremos esse aspecto no texto.

Com esse modelo de células de prova, nós solucionamos o problema da inserção de pessoas na organização, de forma segura, mas também descobrimos um panorama de possibilidades adicionais. De tal sorte, para além de que alguém quer se unir a nós, se, paralelamente, existe a disposição de outros companheiros de se integrar, então teremos a possibilidade de que essa célula de prova se transforme numa estrutura eventualmente fixa. Assim, esse “ciclo” não terá necessidade de se fechar, e sim, de fato, conformará uma nova célula independente, completamente igual às existentes dentro da organização matriz. Porém, aqui há que enfatizar que isso não

funciona se tentamos nos multiplicar. Não faz sentido manter uma célula de esse tipo se não se tem substanciais perspectivas próprias, e se apenas se apóia às individualidades que participam da organização matriz. As pessoas dessa matriz teriam que atender então dois projetos simultaneamente, e isso é desgastante, requer muito tempo, e ao longo prazo, provoca problemas de segurança. Assim que teremos que decidir se a célula de prova tem possibilidades para se converter numa célula autônoma, contando com algumas pessoas do grupo, ou se devemos absorver alguns dos integrantes dessa célula na organização matriz.

Esse processo expõe uma problemática delicada, que se deriva da contradição entre percepção e realismo.

O efeito da compartimentação¹ entre companheiros gera, inevitavelmente, divisões, em função do nível de conhecimento sobre a ilegalidade, um fato que separa os companheiros em “categorias”, dependendo de seu nível de conhecimento. Isso, provavelmente deixa espaço à manifestação de condutas hierárquicas que tentamos evitar. Mas, por razões de segurança, é imperativo esse acordo na condução do conhecimento das questões ilegais. A opção pela ação direta requer do segredo e de uma segurança hermética. O problema agora, radica na gestão desse acordo de maneira individual e coletiva, na procura de uma atuação adequada. Mediante os próprios processos organizativos e o autocontrole dos companheiros, garantiremos que o segredo não alimente condutas problemáticas dentro do grupo.

Em resumo, temos apercebido que conjuntamente ao desenvolvimento de nossas concepções anarquistas, também temos impulsionado, paralelamente, uma proposta organizativa para uma célula de ação direta.

1 N.d.T. A compartimentação é um termo usado, no campo do combate, para se referir a aquilo que fica “reservado”, dentro de um compartimento, ou seja de acesso limitado a determinadas informações. É algo que se torna confidencial para que a ação ou os objetivos sejam melhor sucedidos.

Encontramos, através da conscientização e de nossos princípios anarquistas, o balanço entre o secreto, a funcionalidade e as patologias que surgem nesses projetos . Não existe a receita correta ou incorreta, nem também não há nada iniludível. Trata-se do experimento perpétuo de como organizar nossos desejos, e da desnaturalização de uma forma de pensar posta em prática. Assumimos os riscos e evoluímos tentando apreender de nossas experiências.

EPÍLOGO

Concluindo essa breve recopilção de pensamentos e reflexões sobre a questão da individualidade e o grupo, gostaríamos de esclarecer alguns aspectos que quiçá tenham sido mau interpretados com a leitura deste texto.

Tentamos contribuir ao diálogo em andamento sobre o desenvolvimento da concepção anarquista e contribuir com nossa perspectiva sobre alguns temas que, em certa medida, se consideram tabu dentro do movimento.

Este texto somente procura estimular a continuidade e o desenvolvimento desse diálogo. delineando pensamentos, de forma dispersa, que são fruto de nossas experiências ou avaliações. Acreditamos que não existe uma única maneira de lograr as coisas. A história nos ensina que gente com pontos de partida e caminhos completamente diferentes, em condições distintas, finalmente tem coincidido na vontade comum de agir contra a autoridade. Cada um forja seu próprio caminho.

Simplesmente, a interrogação que apresentamos é se podemos utilizar essas experiências para evitar situações problemáticas no caminho que escolhemos. Neste texto, temos esboçado alguns temas que podem dar cabimento a uma interpretação errada de nossos pontos de vista. Isso é assim porque acreditamos que há uma base de percepção suficientemente próxima com as pessoas as quais nos dirigimos e, em consequência, damos como óbvio que alguns temas se explicam por si sós. Em todo caso, esperamos que este texto seja uma ocasião de reflexão. Que se olhe como uma conversa

sincera entre companheiros e, nesse contexto, esperamos que o diálogo tenha continuação a partir de outros, sempre pela evolução da concepção anarquista.

Gerasimos Tsakalos
Conspiração das Células de Fogo
Dezembro 2015
Secção Especial Subterrânea, Prisão de Korydalos,
Atenas, Grécia.